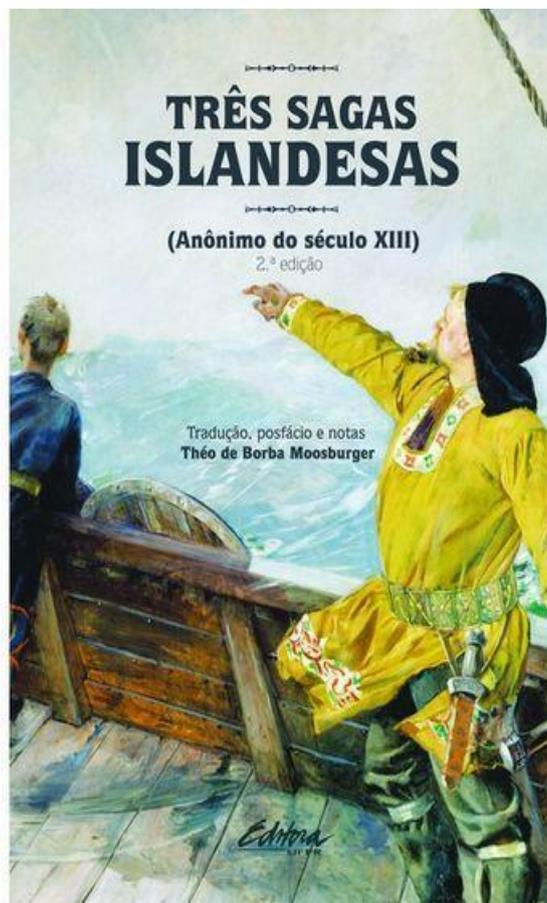


FRAGMENTOS DA LITERATURA ISLANDESA
FRAGMENTS OF ICELANDIC LITERATURE



Anônimo. *Três Sagas Islandesas*: anônimo do século XIII. Tradução, posfácio e notas de Théo de Borba Moosburger. 2a ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2024.

Pablo Gomes de Miranda¹

Foi lançado pela Editora UFPR a segunda edição da antologia de sagas islandesas organizada e traduzida por Théo de Borba Moosburger, como parte da série *Outras Letras*. A

¹ Doutor em Ciências das Religiões pela UFPB. Pesquisador do NEVE – Núcleo de Estudos Viking e Escandinavos. E-mail: pgdemiranda@gmail.com Orcid: 0000-0002-3421-8783.

obra já era conhecida pelos leitores brasileiros, diletantes e acadêmicos, e ganha uma nova edição que além de renovar a circulação do livro, ganhou um prefácio, assinado por Patrícia Pires Boulhosa, além de uma nota à segunda edição do próprio organizador e tradutor da antologia.

Não é um exagero afirmar que a primeira edição se tornou uma das produções mais importantes para a divulgação da cultura medieval islandesa, tão incipiente em 2007 quando as produções acadêmicas no Brasil ainda se limitavam a poucos interessados pesquisadores que, provenientes de diferentes campos do conhecimento das humanidades, precisavam lidar com o problema do acesso às fontes primárias, bem como referências culturais para entender o desenvolvimento das sagas islandesas. Passados mais de quinze anos desde o primeiro lançamento, a segunda edição mostra que há curiosidade de um público amplo sobre essa cultura literária tão extraordinária.

Como esperamos ter deixado claro, a antologia tem um apelo que ultrapassa as barreiras acadêmicas. Moosburger faz um esforço salutar em nos situar em diferentes aspectos da cultura, memória e sociedade islandesa em um recorte temporal duplo: aquela do momento da escrita das sagas, e aquela da qual os islandeses se propunham a representar na memória de um tempo anterior ao desta escrita. Esse esforço torna a leitura mais dinâmica para o leitor que é especializado, como também ajuda a entender os sentidos do texto para aquele que não é.

O prefácio lembra alguns sentidos da palavra *saga* e do seu lugar na memória islandesa medieval, o lugar das histórias narradas, e mesmo da pertinência dos temas narrados para uma audiência moderna, independente do sentido de verdade das histórias, se os fatos aconteceram ou não. São histórias de contradições encontradas na vida comum, apesar, como nos lembra o prefácio, da distância temporal e geográfica. As passagens encontram eco na nota à tradução, onde Moosburger também indica o material de origem de onde o texto foi traduzido: o volume 4 da coletânea *Íslenzk Fornrit* serviu de base para as duas sagas que aqui foram chamadas de “Sagas do Descobrimento da América” (uma escolha deliberada do organizador), enquanto a saga que abre a antologia, *Hrafnkells saga freysgoða*, retirada de “An Introduction to Old Norse” de A. R. Taylor.

Entendemos que o agrupamento “Sagas do Descobrimento da América” (presente desde a edição anterior) seja interessante na perspectiva de adiantar uma identidade na narrativa das sagas, mas o organizador corre o risco de imputar ao texto uma construção geopolítica inexistente no contexto da produção de suas fontes. Ainda mais, apesar de apontar de onde retirou os textos originais de suas traduções, não encontramos suas impressões desses textos. Não podemos falar o mesmo do processo de tradução revelado ainda na mesma nota à tradução: Moosburger ofereceu um olhar valioso sobre características linguísticas e estilísticas do texto e, na nossa opinião ainda mais importante, sobre suas escolhas pessoais da estrutura do texto em português.

A primeira edição conta com uma pequena errata, correções que foram absorvidas nas traduções apresentadas na segunda edição, mas os acréscimos não se limitam a isso. As traduções ganharam notas próprias onde Moosburger busca oferecer pequenas explicações da narrativa. Infelizmente, algumas dessas explicações carecem de um maior aprofundamento ou referências bibliográficas. Por exemplo, o leitor ao examinar a *Hrafnkells saga freysgoða* poderia ter maiores detalhes do sistema jurídico islandês (e de seus desdobramentos na saga), ou na nota 13 ao escrever que “provavelmente os vikings pronunciavam a frase...” ficamos sem uma referência que corrobora essa impressão do tradutor, mesmo na nota 19, mais extensa, é importante afirmar que tais anacronismos são comuns e encontrados em diferentes sagas independente do momento da sua escrita, uma tendência ligada à dinâmica da memória islandesa que conecta a cultura da ilha com os acontecimentos dos crescentes e influentes reinos vizinhos da Noruega, Dinamarca e Suécia, ou de espaços celebrados pela história antiga ou pela cristandade.

Destarte, recomendamos a aquisição da segunda edição de Três Sagas Islandesas para qualquer interessado que ainda não tenha adquirido uma cópia da primeira edição.